



Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI

III SINESPP

20 a 24
OUTUBRO
2020

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
Democracia, desigualdades sociais e políticas públicas no capitalismo contemporâneo

EIXO TEMÁTICO 7 | DIREITOS HUMANOS, VIOLÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SÉRIE GAME OF THRONES

Sara kalinne Mendes¹
Michelly Santos de Carvalho²

RESUMO

Este trabalho busca analisar a violência contra a mulher na série Game of Thrones que reforça a cultura do estupro. Foram selecionadas três personagens que durante as oito temporadas da série sofreram abuso sexual. Para elaborar a análise recorreremos à metodologia da análise de conteúdo de Bardin (1979) elegendo como categorias: o percurso das personagens na série e as formas de violência às quais foram submetidas. Foi possível observar que a série reitera a cultura do estupro banalizando a violência sexual praticada com as personagens selecionada para a análise (Daenerys Targaryen, Cersei Lannister e Sansa Stark). Além de reforçar a cultura da violência contra a mulher a série destaca vários estereótipos de gênero.

Palavras-Chaves: Game of Thrones. Violência contra a Mulher. Cultura do Estupro. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This paper analyzes the violence against women in the Game of Thrones series reinforces the culture of rape. Three characters were who during the eight seasons suffered sexual abuse. To elaborate the analysis we resorted to the methodology of content analysis of Bardin (1979) choosing as categories: the trajectory of the characters in the series and the forms of violence to which they were submitted. It was observed that the series reiterates the culture of rape trivialization of sexual violence practiced with the characters selected for analysis (Daenerys Targaryen, Cersei Lannister and Sansa Stark). In addition to reinforcing the culture of violence against women, the series highlights several gender stereotypes.

Keywords: Game of Thrones. Violence against Women. Rape Culture. Content Analysis.

¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. Email: sara.kalinne@gmail.com

² Doutora em Sociologia da Comunicação pela Universidade do Minho/UFRJ. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Email: michelly.carvalho@ufma.br

INTRODUÇÃO

Game of Thrones é a adaptação dos livros de fantasia medieval escrita por George R.R. Martin, chamado de “As Crônicas de Gelo e Fogo”. A série criada por David Benioff e D.B. Weiss para a emissora HBO é um sucesso de crítica e público, no entanto, o programa peca em mostrar em excesso cenas de violência sexual contra personagens femininas importantes na trama.

Já no primeiro episódio, a personagem de Daenerys Targaryen é estuprada depois de ter se casado contra a sua vontade. Cenas similares acontecem de novo com outras personagens femininas como Cersei Lannister, estuprada pelo “irmão-amante” em frente ao túmulo do filho deles; e Sansa Stark, que além de ser obrigada a casar contra vontade, é violentada pelo marido na noite de núpcias enquanto é assistida pelo “irmão de criação”, e que durante o período do casamento passa por inúmeras torturas psicológicas que quase a leva ao suicídio.

Essas cenas especificamente são chocantes, principalmente questionamos o porquê de ter sido empregada tamanha violência contra as personagens já que não justificaria ter essas cenas no enredo delas, que estavam sendo construídas aos poucos na trama como: Cersei com sua obsessão em ser Rainha, jogando o jogo dos tronos como ela já citou; Daenerys que vive uma vida tranquila antes de ser vendida pelo irmão e na série é abusada na noite de núpcia; e Sansa que foi obrigada a se casar e ser estuprada física e psicologicamente pelo marido. Pois há outros meios que poderiam deixá-las fortes e determinadas, sem esses recursos, pois um estupro acaba devastando uma pessoa muitas vezes.

Este estudo objetivou a violência contra a mulher na série Game of Thrones. O seriado é o mais rentável da emissora HBO, com o maior índice de público, alcançando em 2014 18,4 milhões de pessoas assistindo um episódio semanal ao vivo e pelo streaming HBO GO (HOLLYWOOD REPORTER, 2014). Este número é ainda mais surpreendente ao se pensar que se trata de um canal pago. (ROSA, 2018).

Em Game of Thrones há mulheres fortes, mas com desenvolvimentos ruins e poucos aproveitáveis, em que mulheres com grandes poderes acabam tendo um fim

trágico ou sofrido com estupros para se tornarem personagens fortes, o que reforça a cultura do estupro.

A escolha das três personagens se deu pelo fato serem as personagens que mais tiveram suas tramas alteradas e por sofreram violências sexuais, ao contrário do que acontece com outras personagens femininas mostradas na série como Arya Stark, Catelyn Stark e Margaery Tyrell. Além disso, são personagens que fazem parte de todos os episódios das oito temporadas de Game of Thrones.

A metodologia utilizada é a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) das temporadas da série estadunidense Game of Thrones. A análise de conteúdo foi feita a partir das seleções de cenas que mostram as trajetórias das personagens femininas principais: Daenerys Targaryen, Cersei Lannister e Sansa Stark, o perfil, as características e as transformações de cada uma das personagens escolhidas. Além de montar uma linha cronológica contando o rumo que a trama das personagens sofreu nas temporadas da série.

2 EPISÓDIO I - A CULTURA DO ESTUPRO

O termo “cultura do estupro” surgiu em 1970, nos Estados Unidos, com o objetivo de mostrar como a sociedade culpava as mulheres vítimas de violência sexual. A cultura do estupro envolve crenças e normas comportamentais que banalizam e toleram a violência sexual contra a mulher.

Para Quinan (2016), a cultura do estupro ainda é muito presente em nossa sociedade onde mulheres não se sentem seguras em andar sozinhas por ser simplesmente mulher, onde o homem ainda tem uma certa dominação em relação ao sexo oposto.

Ela é consequência de toda a desvantagem da mulher em relação ao homem, principalmente em relação ao poder – podendo este ser sexual, político, social, familiar etc. A cultura do estupro acata o abuso sexual e o considera parte do “ser mulher”, e só é possível devido a uma socialização do gênero feminino submissa ao gênero masculino, reforçando valores de passividade e agressividade, respectivamente. (QUINAN, 2016, p.21).

Segundo Renata Floriano (2017, p.5) “é denominado cultura do estupro o conjunto de violências simbólicas que viabilizam a legitimação, a tolerância e o estímulo à violação sexual”. A autora também explana sobre o papel do poder masculino em nossa sociedade em relação a cultura do estupro, em que o sexo e o poder não possuem uma linha que os separada e sim que os une:

Não se trata de confundir a atividade sexual consentida com a violação sexual, nada disso, mas é importante compreender como os dois se cruzam na concepção do estuprador, da vítima, do Estado e da sociedade em geral, mesmo que estes não se deem conta disso. Uma grande parte desse problema está na notável repressão sexual sofrida pela mulher, em contraposição ao incentivo sexual recebido pelos homens. O que é um paradoxo numa sociedade majoritariamente heteronormativa, onde parece muito incoerente que os homens, desde a mais tenra idade, sejam incitados ao sexo, enquanto que as mulheres recebam instruções contrárias. Este problema tem um tratamento especial, sendo resolvido de maneira aparentemente muito simplista através das distinções sociais estabelecidas sobre as mulheres entre ‘mulher para casar’ e a ‘desviada’. (FLORIANO, 2017, p. 14)

O homem ainda tem um muito poder em nossa sociedade. Sua palavra ainda é mais em comparação com a voz das mulheres que sempre são deixadas de lado quando dão opinião ou sofrem algum tipo de violência. Como já citado, a culpa pelas violências e abusos sofridos pelas mulheres ainda são colocadas na conta destas. A palavra da mulher não tem a mesma força que a do homem o que leva muitas vezes a impunidade. Assim, quando se fala em relações de poder “Na sociedade patriarcal, o sexo tem relação íntima com o poder, de modo a ser uma das formas de manutenção do status quo.” (FLORIANO, 2017, p. 15).

O estupro faz parte da vida de todas as mulheres, seja através da experiência própria, de relatos, do medo ou da necessidade de evitar situações de risco. Desde jovem, recai sobre a mulher a responsabilidade de prevenir o abuso sexual, ao mesmo tempo em que o homem não aprende sobre consentimento, pelo contrário, é ensinado que o corpo da fêmea é uma extensão do seu próprio poder. (QUINAN, 2016, p. 09)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que 35% das mulheres em todo o mundo já tenham sofrido qualquer violência física e/ou sexual

praticada por parceiro íntimo ou violência sexual por um não-parceiro em algum momento de suas vidas. Ao mesmo tempo, alguns estudos nacionais mostram que até 70% das mulheres já foram vítimas de violência física e/ou sexual por parte de um parceiro íntimo.

Cerca de 120 milhões de garotas em todo o mundo (pouco mais de 1 em 10) tiveram relação sexual forçada ou outros atos sexuais forçados em algum momento de suas vidas. De acordo com estudo da Unicef, os agressores sexuais mais comuns são os atuais ou ex-maridos, companheiros ou namorados.

Segundo dados do IBGE, a cada ano, cerca de 1,2 milhão de mulheres sofrem agressões no Brasil. Pelas estimativas do Ipea, destas, 500 mil são estupradas, sendo que somente 52 mil ocorrências chegam ao conhecimento da polícia.

Para Beauvoir (1970), a relação do homem com a mulher nunca foi oposta ou igual, e sim superior: “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos” (BEAUVOIR, 1970, p. 24), por outro lado, a mulher é considerada o lado “negativo”, o “Outro”.

É preciso considerar, então, que existe toda uma produção midiática que não apenas é afetada por essa ideia, mas também a reforça e sustenta, muitas vezes culpabilizando a vítima de um abuso ou até mesmo relativizando a violência sexual. A violência sexual é mostrada em novelas, filmes, livros e todo tipo de produção cultural voltada para o entretenimento, muitas vezes de forma a extrair desse tipo de situação uma comicidade que não existe de fato – é criada para atrair audiência e como mais uma forma de banalizar essa violação. (QUINAN, 2016, p. 22).

3 EPISÓDIO II: A SINA DO SER MULHER EM GAME OF THRONES Daenerys Targaryen

Originados de Valíria, os Targaryen não são nativos de Westeros. O brasão de sua casa é um dragão de três cabeças vermelho sob o fundo negro, seu lema é: “Fogo e Sangue”. Única família de Senhores de Dragões que sobreviveu à perdição de Valíria, os Targaryen permaneceram por aproximadamente 100 anos refugiados na sua fortaleza localizada na foz da Baía da Água Negra, Pedra do Dragão.

Durante esse período, eles demonstraram pouco interesse pelos assuntos de Westeros, até que Aegon Targaryen, juntamente com suas irmãs/esposas Visenya e Rhaenys Targaryen que seguiam o costume de praticar o casamento incestuoso, casando irmãos e irmãs para manter o sangue de dragão “puro”, planejaram a conquista de todo o continente. Montados em três dragões, eles subjugarão seis dos sete reinos e foram coroados soberanos de todos aqueles domínios. Por quase 300 anos, a casa Targaryen governou incontestável, em Westeros, contribuindo de forma significativa para a modernização do reino. Essa situação sofreu uma reviravolta quando Robert da casa Baratheon organizou uma rebelião para destronar Aerys II, conhecido como “o rei louco”.

Em sua infância, Dany era uma garota tímida e dócil. Ela não conheceu outra vida além da que teve no exílio, dependente de seu irmão, Viserys Targaryen, que a amedrontava. Ele era a única família que ela conhecia, mas era cruel com a irmã, propenso a mudanças de humor e surtos de violência. Acreditando que conquistaria os Sete Reinos, ao invés de se casar com a irmã, Viserys a usa como moeda de troca e a vende para Khal Drogo, líder da tribo Dothraki (um povo nômade e de costumes próprios, que anda em bandos conhecidos como Khalasares), em troca de um exército que o ajudaria a reclamar seu posto como soberano de Westeros.

Nos livros, a noite de núpcias é consensual mesmo que Dany não quisesse se casar, Khal não a obriga a ter relações com ele. Mas na série ocorre totalmente ao contrário, Drogo estupra Dany. A cena essa é apresentada no final do episódio inaugural da primeira temporada. Daenerys (agora Khaleesi), seu irmão e seu khalasar (grupo liderado por Khal Drogo) viajam para a única cidade Dothraki, Vaes Dothrak. Daenerys engravida e Viserys se torna cada vez mais impaciente com a espera da ajuda de Drogo e seu exército.

Conforme a trama se desenvolve, Daenerys passa a ter voz e chega inclusive a enfrentar o irmão porque este não aceita receber ordens dela, e chega a dar um tapa em Daenerys por tê-lo enfrentado. É então que Daenerys se defende e bate no rosto de Viserys, e já em outra cena ela assiste a morte do irmão, quando este exige o seu pagamento a Khal Drogo e ameaça tirar o filho que Dany está esperando. Então, Khal Drogo dá a ele uma “coroa de ouro” – ouro derretido que é derramado na sua cabeça.

A tribo khalasar de Drogo continua indo para o oeste conquistando terras estrangeiras. Em uma cidade Daenerys salva uma bruxa chamada Mirri Maz Duur, que é chamada de Maegi (uma espécie de feiticeira), e a coloca à seu serviço. Khal Drogo é ferido por uma luta e fica entre a vida e a morte, Daenerys pede a feiticeira que o salve, mas a mesma a engana e causa a morte de seu filho e marido.

A Targaryen é abandonada pela maior parte do seu khalasar, mata Maegi, queimando-a na pira funerária de Drogo e entra no fogo juntamente com seus ovos de dragão (presentes de casamento). Como resultado disso, os ovos dão vida a três dragões que a garota dá o nome de Viserion, Rhaegal e Drogon, em homenagem a seus irmãos e a seu marido. A garota sai intacta das chamas e é chamada de "a não queimada" e "mãe de dragões". Apenas os velhos e doentes do khalasar de Drogo, os remanescentes, juram lealdade a ela que se torna a primeira mulher a liderar um clã Dothraki, uma khaleesi.

Daenerys passa por muitas dificuldades ao longo do caminho que percorre para conseguir o Trono de Ferro, ela consegue um exército de Imaculados e liberta uma cidade de escravos que passam a chamá-la de mhysa (mãe). Ela também consegue o exército de Dothraki depois que é sequestrada e mata os líderes da tribo queimados (essa cena não existe no livro apenas na série).

Sansa Stark

A Casa Stark é a família protetora do reino do Norte, sendo Winterfell sua sede, um dos sete reinos de Westeros unificados sob o Trono de Ferro. Seu símbolo é um grande lobo cinzento sob um fundo branco, representando um campo de neve. Formada por Eddard Stark e Catelyn Stark (antes pertencente a casa Tully, senhores de Correrrio, outro dos sete reinos), seus cinco filhos biológicos, Arya, Bran, Robb, Rickon e Sansa e pelo filho bastardo de Eddard, Jon Snow; e pelo protegido Theon Greyjoy (casa juramentada a Correrrio, também conhecido como as Terras Fluviais).

Sansa Stark é a filha mais velha de Catelyn e Eddard Stark. Ela tem cinco irmãos: Robb, Bran e Rickon, e ainda, sua irmã mais nova, Arya, e um irmão bastardo chamado Jon Snow. Sansa tem os cabelos ruivos que herda da linhagem de sua mãe, os Tully,

além de ter os olhos azuis, é descrita nos livros como alta, educada, feminina e elegante. No começo dos livros ela tem onze anos. Na série de televisão ela aparenta ter 14 anos e é interpretada pela atriz Sophie Turner.

Sansa deste de pequena foi ensinada a ser uma dama. Por conta destes ensinamentos, ela sabe bordar, cantar, dançar e recitar poesias. Ela é encantada por histórias de romance e aventura, principalmente aquelas que têm como tema princesas e cavaleiros. Inicialmente, essas canções e histórias eram a visão de Sansa sobre o mundo. Ela foi brevemente acompanhada por um filhote de lobo gigante chamada de Lady.

Nesse aspecto, Oliveira e Bastos (2016, p. 97-98) destacam como a personagem de Sansa reproduz o estereótipo donzelesco, “a princesa a espera de seu galante príncipe encantado” e que sonha com seu futuro casamento. Ao oferecer um banquete de boas-vindas para a família real “vemos a jovem Sansa em seu quarto, se arrumando, e indagando à sua mãe ‘Será que Joffrey irá gostar de mim? E se ele me achar feia? Ele é tão bonito. Quando vamos nos casar? Será logo ou teremos que esperar?’” (MARTIN, 1996, apud OLIVEIRA, BASTOS, 2016, p. 99).

A relação de Sansa com sua irmã mais nova, Arya Stark, é geralmente problemática, as duas são opostas na maioria dos aspectos, enquanto crianças eram diferentes; suas personalidades e vontades, a maneira de ver e encarar a vida. Arya preferia andar a cavalo e brincar com os meninos do que aprender a cantar e bordar. Sansa e Arya acompanharam seu pai a Porto Real, capital do reino. Sansa estava prometida em casamento a Joffrey Baratheon, herdeiro do Trono de Ferro, e futuro Rei de Westeros, e se encantava com a ideia de se tornar rainha.

Mas seus sonhos são destruídos quando por conspiração da família Lannister seu pai, que descobriu a verdade sobre os filhos da rainha Cersei Lannister (os filhos eram na verdade irmãos dela), é acusado de traição e, conseqüentemente, sentenciado à morte por Joffrey que agora havia se tornado rei. Depois desse trágico acontecimento Sansa passa por inúmeras torturas físicas e psicológicas nas mãos de Joffrey. Numa delas, Sansa foi obrigada a ver a cabeça decapitada de seu pai em uma estaca secando ao sol, além disso, ela sofre com inúmeras surras que o garoto manda aplicar a ela quando está com raiva.

Para uma menina que cresceu lendo histórias de príncipes e princesas e romances perfeitos, não poderia mesmo ter sido diferente – como seria possível desconstruir uma vida inteira de ensinamentos patriarcais? Com o desenrolar dos fatos e o jogar dos dados, terminamos por encontrar Sansa não mais como convidada, mas prisioneira em Porto Real, longe da família e sozinha.

Ela é obrigada pelos Lannister a se casar com o anão Tyrion Lannister contra a vontade de ambos. Sansa tenta o máximo esconder seus sentimentos sobre seu marido duende desfigurado, permanecendo cortês com ele, apesar de seu desgosto com a sua aparência física. Tyrion não exige que ela consuma o casamento, e Sansa é grata a isso, especialmente depois de saber da morte de seu irmão Robb e da mãe no evento que ficou conhecido como Casamento Vermelho (tragédia orquestrada pelos Lannister em conjunto com as casas Bolton e Frey, que almejavam o domínio do Norte e de Correrrio, respectivamente).

Sansa consegue fugir de Porto Real com ajuda de Petyr Baelish, mais conhecido pro Mindinho, e é levada para o Ninho da Águia onde vive sua tia Lysa Arryn e seu filho doente, Robin (nos livros chamado Robert em homenagem ao rei). Sua tia é apaixonada por Mindinho e logo se casa com ele quando chega ao Ninho da Águia. Mas Mindinho tem uma paixão secreta por Sansa por ela se parecer com sua mãe, antigo amor dele. Lysa vê o beijo dos dois e fica furiosa e tenta matar Sansa, mas é impedida por Mindinho e consequentemente Lysa é morta por ele.

Ela passa por inúmeros abusos tanto físicos como sexuais, a ponto de não querer mais viver quando é ameaçada por outra personagem, amante de Ramsey. A partir daí tenta fugir de seu marido e é capturada. O casamento forçado de Sansa e Ramsey constitui uma tentativa de legitimá-los como Protetores do Norte, já que Sansa é a última remanescente da casa Stark.

No fim, a Sansa Stark de Game of Thrones difere tanto de sua personagem original dos livros, como qualquer outra personagem. De uma garotinha sonhadora e frágil, passa a ser uma assassina vingativa, por conta dos abusos e violências sofridas.

Cersei Lannister

A Casa Lannister é uma das principais casas dos Sete Reinos sendo os Protetores do Sul, seu castelo é chamado Rochedo Casterly, seu lema é “Ouça-me rugir”, porém a frase pelo qual ficaram conhecidos é: “Um Lannister sempre paga suas dívidas”, seu brasão é um leão dourado sob um fundo vermelho sangue. Na série a família é composta por: Tywin Lannister, o patriarca; Cersei Lannister, a rainha regente; Jaime Lannister, o Lorde Comandante da Guarda Real e também irmão gêmeo de Cersei - tendo os dois uma relação incestuosa, na qual tem três filhos juntos (Joffrey, Myrcella e Tommen, que possuem o sobrenome Baratheon pois foram concebidos dentro do matrimônio entre Cersei e Robert); Tyrion Lannister, o anão e filho mais novo de Tywin, considerado uma aberração dos deuses.

Na série de TV, a personagem Cersei Lannister é interpretada pela atriz britânica Lena Headey. Cersei é descrita nos livros como uma mulher muito bonita, com claros traços típicos dos Lannister: cabelo loiro, olhos verdes, pele clara e um belo corpo.

O incesto praticado pela rainha é um dos fatores que contribuíram para o início da guerra civil de Westeros. Isso porque, em sua passagem pelo Norte, o casal de irmãos é flagrado em uma relação sexual por um dos filhos de Ned Stark, Bran. O garoto escalou uma das torres de Winferfell e os observou por uma janela. Jamie, para proteger o segredo, empurra a criança, que fica entre a vida e a morte. Este acontecimento terá reverberações futuras, quando a esposa de Ned, Catelyn, ao descobrir que o atentado contra seu filho foi tramado pelos Lannister, sequestra o outro irmão de Cersei, Tyrion, o que causa uma animosidade entre os Stark e os Lannister, iniciando os conflitos da guerra.

Bryan Cogman (2013), apresenta Cersei Lannister em seu livro “Por dentro da série da HBO Game of Thrones” como “Esposa do Rei Robert e rainha de Westeros³. Quando o rei Robert Baratheon marido de Cersei morre, ela assume a posição de rainha regente. Seu poder manipulador alcança outras escalas ao tentar ditar as novas regras para comandar Porto Real. Quando Ned tenta declarar a ilegitimidade de Joffrey no trono, é a rainha quem toma as decisões fazendo um esquema para que Ned seja desacreditado e sendo julgado por traição.

³ Cersei [...] não tem medo de jogar sujo em favor de seus interesses. Ela não nutre amor ou afeição pelo marido – de fato, o amor de sua vida é seu irmão gêmeo, Jaime, com quem mantém uma relação incestuosa desde a juventude”. (COGMAN, 2013, p.76)

Cersei acredita em uma profecia que ouviu quando era criança de uma suposta bruxa que lhe disse que ela seria infeliz no casamento e que seus filhos morrerão como reis e rainhas, e depois tudo que ela ama será tomado por uma rainha mais jovem e mais bela.

Depois da morte de Joffrey quando Cersei fica sozinha com o corpo de seu filho na capela, Jaime seu irmão e amante entra e a obriga a fazer sexo com ele na frente do corpo do filho morto, Cersei recusa mais não consegue se soltar de Jaime. Esse fato acaba sendo esquecido pelo resto das temporadas.

Cersei teme que Margaery Tyrell, a esposa de Tommen, tente usurpar o poder dela como rainha e tenta sem sucesso, separá-la do filho, com isso ela permitiu que o novo Alto Septão ressuscitasse a Fé Militante, ignorando os problemas que tal organização havia causado aos monarcas no passado. Mas ela cai em sua própria armadilha quando vai visitar o Grande Septo de Baelor, o Alto Pardal (líder da Fé) a aprisiona e faz com que confesse seus pecados, depois de muita humilhação ela confessa seu incesto com seu irmão para poder ser libertada da prisão, porém ela tem que fazer uma “caminhada da vergonha” para poder ser libertada, ela anda entre a multidão de Porto Real nua até a Fortaleza Vermelha, castelo da família real na capital.

Ela arranja com seu colaborador Qyburn (um ex-meistre) explosivos de fogo-vivo a serem detonados durante a reunião da Fé Militante no Septo de Baelor para o julgamento de Loras Tyrell, e mata numa grande explosão o Alto Pardal, Margaery, e todo o Pequeno Conselho além dos soldados da Fé. Como resultado, Tommen comete suicídio saltando do alto do castelo, deixando Cersei completamente devastada ao ver a profecia de Maggy, a bruxa, se cumprindo. Com a Casa Baratheon oficialmente extinta e sem herdeiros, Cersei é oficialmente coroada como Rainha dos Sete Reinos.

Na última temporada, Cersei descobre que está grávida de Jaime, mas este a abandona depois que ela recusa ajudar o Norte com o exército dos “Outros”. Mas Jaime (que estava no Norte lutando contra o exército) volta para o lado da irmã quando descobre que Daenerys vai para Porto Real reivindicar o Trono de Ferro. Os dois morrem juntos quando Daenerys Targaryen com seu dragão queima o castelo onde ela se encontrava e ambos morrem soterrados.

4 EPISÓDIO III: O ESTUPRO DAS PERSONAGENS

O estupro de Daenerys Targaryen acontece no primeiro episódio da primeira temporada de Game of Thrones intitulado “Winter Is Coming” (O Inverno está chegando, em tradução livre), que foi ao ar em 11 de abril de 2011. Os personagens Daenerys e Khal Drogo são protagonistas, tal como ilustra a imagem 4. A cena acontece durante a noite de núpcias, nos minutos 57:15. Drogo se aproxima de Dany e tira a parte superior de seu vestido, deixando seus seios a mostra, a câmera foca neles, a garota até tenta colocar os braços em volta dos seios mas Khal tira. A cena não é muito longa mas percebemos o rosto de choro de Daenerys quando Drogo a faz ficar abaixada para penetrá-la, algo que fica bem explícito.

Nos livros essa cena da noite de núpcias é completamente diferente. Embora ela também estivesse assustada com o casamento com um estranho selvagem, Daenerys é seduzida por ele depois do casamento. Drogo pede explicitamente o consentimento dela para consumir o matrimônio e a noiva diz “sim” aos seus avanços. Essa parte é importante porque é especialmente relevante já que essa parte nos livros é contada pelo ponto de vista da própria Daenerys, sendo que ela não precisaria ter motivos para mentir.

O estupro criado na série confunde o desenvolvimento da relação destes personagens, já que Drogo e Daenerys acabam por se envolver afetivamente e viver momentos de cumplicidade e amor no decorrer da narrativa, à exemplo do que ocorre no livro.

[...] quando está a sós com Drogo, a personagem entende que a escolha de consumir ou não o casamento naquela noite é dela. Nas páginas, ela dá uma permissão e toma a iniciativa. O livro, diferente da série, não explicita posições da relação sexual, pois o trecho literário termina antes dessa consumação. (SCHARDONG, 2015, p. 8).

Recentemente a atriz que deu vida a Daenerys, Emilia Clarke deu uma entrevista ao podcast Armchair Expert (2019) onde disse que não ficou confortável nas cenas de nudez que teve que fazer na série. Ela era uma atriz inexperiente na época em sets de filmagens o que a deixou ainda mais constrangida.

A atriz foi pressionada pela equipe a fazer as cenas para não “desapontar os fãs”. Emilia Clarke contou que não foi avisada sobre a quantidade de nudez na história antes

de ler o roteiro. "Eu tive brigas no set em que dizia: 'Não, o lençol vai me cobrir até o pescoço'. E eles diziam: 'Você não quer decepcionar os fãs de Game of Thrones, quer?'. E eu respondia: 'Vão se f*der'".

Ela ainda falou que chorava no banheiro do set quando tinha que fazer as cenas e fingir que tudo estava bem. O único que a ajudou a passar pelas cenas foi o ator Jason Momoa, o intérprete de Khal Drogo, que dizia para ela "Não, querida, não é certo [se eles te pressionarem a fazer algo que você não quer]".

Depois dessa entrevista da atriz, associação profissional de diretores do Reino Unido, Directors UK, lançou um manual com diretrizes para a realização desse tipo de gravação – cenas de nudez e simulações de sexo em filmes e séries.

Com as novas diretrizes, o Directors UK espera-se evitar situações de desconforto iguais, com orientações para ensaios, direção de cenas de violência sexual e planejamento de gravações de forma que atendam as cláusulas contratuais.

O manual tem o apoio de outras organizações importantes do audiovisual no Reino Unido, como o Bafta, BFI, o sindicato de diretores de casting e o sindicato dos roteiristas do Reino Unido, assim como grupos que advogam pela igualdade de gênero, como o ERA 50:50 e o Time's Up UK.

Já Cersei é violentada por seu irmão e amante Jaime Lannister na quarta temporada, episódio três intitulado "Breaker of Chains" (Quebradora de Correntes, em tradução livre), veiculado no dia 20 de abril de 2014, durante o velório de seu filho Joffrey, fruto do incesto dos dois. Jaime sempre mostrou ser contra abusos principalmente quando salva a personagem Brienne de Tarth de um estupro coletivo, apesar disso, violentou Cersei.

Nos livros a cena de estupro entre Cersei e Jaime não existe, ela aceita o sexo com o irmão. O Jaime das páginas do livro estava na guerra havia meses e, ao finalmente regressar à capital, se depara com o filho morto e a mulher que ama entregue ao sofrimento. Mais do que mero desejo, o momento que partilham se trata de um reencontro, uma espécie de consolação. (SCHARDONG, 2015, p. 10).

A cena acontece entre os minutos 14:50 a 15:23 a duração é a mais longa dos três estupros que acontecem na série. Enquanto Cersei tenta sair dos braços do irmão sempre falando para ele parar e como não está certo fazer isso em frente do filho morto

(como ilustrado na imagem), mostrando claramente como Cersei não queria fazer sexo com o irmão.

Com a grande repercussão do episódio do estupro de Cersei, o diretor do episódio, Alex Graves, se pronunciou no site Hollywood Reporter: (em livre tradução):

Eu nunca fico empolgado ao filmar uma cena de sexo forçado. Pra mim, todo o ponto era ter o Joffrey deitado lá, vendo toda a coisa. David Benioff e Dan Weiss adoraram isso. Ele [Joffrey] é o primogênito dos dois, ele é o pecado dos dois. Ele é a luxúria, o amor, tudo dos dois. Se ele se foi, o que vai acontecer? Jaime está tentando se forçar ao máximo a acreditar que ainda está apaixonado por Cersei.

Já o estupro de Sansa é o terceiro apresentado na série. Ocorre quando ela consegue finalmente fugir de Porto Real. Mindinho que arquitetou o plano de fuga arma um casamento com o filho bastardo de Roose Bolton, Ramsay que na temporada tem o controle de Winterfell (lar de Sansa). A cena acontece no quinto episódio da quinta temporada chamado de "Unbowed, Unbent, Unbroken" (Não rebaixados, não curvados, não quebrados, em tradução livre) na noite de núpcias do casal. Ramsay sempre se mostrou um personagem cruel e insano, principalmente quando tortura Theon Greyjoy (irmão de criança da personagem) o deixando a beira da loucura.

Depois do casamento forçado de Sansa e Ramsay, eles juntos com Theon vão para o quarto, Bolton manda Theon ficar no quarto e o faz assistir o abuso de sua irmã de criação sem poder fazer nada a respeito. A cena acontece do minuto 53:33 ao 54:02, a câmera foca no rosto de uma Sansa indefesa e nos seus choros, depois corta para Theon que se vê obrigado a ver a cena. No fundo podemos ouvir os gritos de dor de Sansa.

Quando o pai de Sansa é morto, ela se torna refém da família inimiga, que ocupa o trono. Nos livros, Sansa amadurece com as decepções sobre a corte, com as observações sobre os esquemas políticos, ardis e a violência, além disso, aprende a lidar com a própria força interna que a torna uma sobrevivente. Ela também é empática e gentil, o que também já a ajudou a se livrar de mortes violentas.

No episódio exibido em 5 de abril de 2019, o roteiro força a personagem a reconhecer o próprio estupro como uma catapulta para o seu fortalecimento. "Sem Ramsay [seu estuprador], eu ainda seria apenas um passarinho", ela diz, em referência

à própria inocência. Dessa forma, os roteiristas da série induzem no espectador à noção de que garotas frágeis só se fortalecem mediante estupro e ainda se congratulam por utilizar em violência sexual como ferramenta para moldar caráter das personagens.

Nos livros, Sansa não sofre esse abuso sexual (sendo o estupro protagonizado por uma personagem secundária menor), embora já tenha abandonado sua inocência e fragilidade sem passar por isso. Como ela mesma afirma no terceiro livro, *A Tormenta de Espadas*: “sua pele se transformou em porcelana, marfim e aço” (MARTIN, 2000, p.71).

A audiência de *Game of Thrones* obteve queda na quinta temporada e muitos atribuíram isso ao episódio “Unbowed, Unbent, Unbroken”. A partir dessa repercussão, os diretores, David Benioff e Daniel Brett Weiss, afirmaram em entrevista para a *Forbes* (2015), que “estavam interessados na discussão e houve diversas mudanças como resultado”. Os criadores, então, ouviram os fãs e, com isso, a sexta temporada da série passou a ter menos cenas de violência contra a mulher. (LUCCHI, 2017).

O estupro de Sansa mostra ainda o poder do patriarcado apontando que a figura masculina tem poder sobre o corpo da esposa simplesmente por conta do casamento. “Os seus corpos não lhes pertencem, pertencem aos homens e devem agir e sentir conforme mandam os códigos masculinos”. (CAMPOS, 2016, p. 11).

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho mostra a importância de se refletir sobre como as séries de TV usam o estupro apenas como uma narrativa para gerar empatia do público em relação às personagens femininas e naturalizar a violência contra a mulher. Programas como *Game of Thrones*, usam desse tipo de violência sem dar importância ao fato, apenas o banalizam.

Precisamos, cada vez mais, falar sobre a representação do estupro com responsabilidade. Não é apenas para o fetichismo como parece ser mostrado em escala bastante alta no seriado. Isso acontece quando em uma cena de estupro, o corpo da mulher é mostrado de forma sensualizada. Cenas terríveis e chocantes que, quando usadas, deveriam somente transparecer o horror que retratam. Para estabelecer essa

distinção é sempre importante lembrar que estupro não é sexo. Estupro é uma agressão física e psicológica, e deve ser retratado como tal.

Depois das constantes reclamações das cenas de estupros que vinham acontecendo na série os criadores David Benioff e DB Weiss e o diretor do episódio do "Unbowed, unbent e unbroken" decidiram reconsiderar o modo como retrataram o assunto na tela (O GLOBO, 2015).

A série naturaliza a chamada "cultura do estupro". Se Sansa fosse como a irmã Arya, lutasse e tivesse comportamentos mais masculinos e fosse menos feminina e infantil talvez não tivesse sofrido o estupro. Ou Cersei que tinha uma relação com o irmão, talvez se não tivesse um romance com Jaime não teria acontecido. A cultura do estupro é assim: culpa a mulher pela violência sofrida.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. volume I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
CAMPOS, A.; A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 183, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32937/17062>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

COGMAN, B.. **Por dentro da série da HBO Game of Thrones**. São Paulo: LeYa, 2013.

FLORIANO, R. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. *Revista Estudos Feministas*, n. 25, v. 1, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v25n1/1806-9584-ref-25-01-00009.pdf>> Acesso em: 01 mar. 2020.

FORBES. **"Game of Thrones" Rape Scene Repercussions Play Out In New Season**. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/dongroves/2015/12/18/game-of-thrones-rape-scene-repercussions-play-out-in-new-season/#662d0a3d9102/>> Acesso em: 22 mai 2020.

HOLLYWOOD REPORTER. **'Game of Thrones' Director on Controversial Scene: Jaime 'Traumatized,' Cersei 'a Wreck' (Q&A)**. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/live-feed/game-thrones-director-controversial-scene-697733>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

HOLLYWOOD REPORTER; '**Game of Thrones**' Now Rivals 'The Walking Dead' With **18 Million Viewers This Season**. Disponível em:

<<http://www.hollywoodreporter.com/live-feed/game-thrones-rivals-walking-dead-709041>> Acesso em: 02 abr. 2020.

LUCCHI, P..; SGORLA, P..; **Recepção dos fãs de game of thrones em relação às cenas de violência sexual**: uma análise dos episódios "Breaker of Chains" e "Unbowed, Unbent, Unbroken". Disponível

em:<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0460-1.pdf>>
Acesso em: 14 de julho de 2018.

MARTIN, R. R. George. **A Guerra dos tronos**. As Crônicas de Gelo e Fogo - Livro 1 . São Paulo: Leya, 2010.

O GLOBO. **Criadores de 'Game of thrones' vão mudar cenas de estupro**. 2015.

Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/criadores-de-game-of-thrones-va0-mudar-cenas-de-estupro-18353937>> Acesso em: 20 mar. 2020

OLIVERIA, A. M.; BASTOS, R. A. S. M. Gênero e imagem: reprodução do estereótipo donzelesco a partir da personagem Sansa Stark, da série Guerra dos Tronos. In: ROSAS, Maria F. E.; GONZALES, Eric P.; LUNELLI, Isabella C. (orgs.). **Conhecimento, iconografia e ensino do direito**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2016.

QUINAN, J. **Abuso ou sedução? Uma análise da cultura do estupro em novelas brasileiras**. 2016. Disponível em <

<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5571/1/JQuinan.pdf> > Acesso em: 01 mar. 2020.

ROSA, M. **Feminilidade e representação**: Análise de recepção de Sansa Stark. 2018.

Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56880>>. Acesso em: 30 mai. 2020.